

### **FAMÍLIA LIEBICH: MODELO INSPIRADOR PARA A PRÁTICA DE AÇÃO SOCIAL**

**FAMILY LIEBICH: MOTIVATIONAL MODEL FOR THE PRACTICE OF SOCIAL ACTION**

*Vanderlei Alberto Schach<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este artigo conta a história de nascimento do então Orfanato Henrique Liebich. Este iniciou-se a partir da família Liebich, que acolhia crianças órfãs ou abandonadas em sua própria casa. O número de crianças aumentou e em pouco tempo a família Liebich teve que estabelecer oficialmente o Orfanato. Após a organização do mesmo, Henrique veio a falecer, deixando um grande legado para a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil e servindo de inspiração para inúmeras outras instituições de acolhimento.

**Palavras-chaves:** Orfanato. Órfão. Criança. Família.

#### ABSTRACT

This article tells the story of the origin of Henrique Liebich Orphanage. This started from the Liebich family, who welcomed orphaned or abandoned children in their own home. The number of children increased and soon the Liebich family had to officially establish the Orphanage. After the organization of the same, Henrique died, leaving a great legacy for the Pioneer Baptist Convention of Southern Brazil and served as the inspiration for countless other host institutions.

**Keywords:** Orphanage. Orphan. Child. Family.

---

<sup>1</sup>O autor é graduado em Teologia, mestre (Bíblia) e doutorando em Teologia (Teologia Prática) pela Escola Superior de Teologia (São Leopoldo - RS). É professor na Faculdade Batista Pioneira e missionário da JEVAM. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é histórica e conta como surgiu o Lar da Criança Henrique Liebich, inicialmente denominado Orfanato Henrique Liebich. A pesquisa se inicia com um breve histórico da cidade de Ijuí, onde atualmente o Lar está localizado. Na sequência faço uma abordagem do contexto geográfico e cultural que aponta para o fenômeno do surgimento do grande número de crianças em zona rural. Em seguida, descrevo de forma breve a situação das mães que entregam ou abandonam seus filhos. Posteriormente, abordo o sonho de Henrique e sua família e sua realização. Por último, o legado que Henrique Liebich deixou juntamente com sua família. Este legado é inspirador para a práxis social no meio Batista, nos demais círculos religiosos e a quem mais interessar.

A partir de pesquisa bibliográfica, investigarei questões como: a história da fase inicial do Orfanato, os motivos para o seu surgimento e a contribuição deixada por Henrique para as crianças em situação de vulnerabilidade social. Além da pesquisa bibliográfica, esta pesquisa contará com a observação participante e descrição da observação a partir do método diário de campo e entrevista semidirigida.<sup>2</sup> A observação se torna facilmente viável devido à minha inserção pastoral no Lar.

Meu envolvimento pessoal com o Lar iniciou ainda na minha infância. Minha mãe, Vali Schach, foi funcionária do Lar no período de 01/10/80 a 31/12/92, quando, por inúmeras vezes, acompanhei-a em sua profissão de costureira. Observava o dia a dia do Lar, o comportamento das crianças e igualmente as atividades dos funcionários. Pude acompanhar o crescimento até a fase adulta de algumas crianças acolhidas, por intermédio de amizades desenvolvidas na época e que ainda permanecem.

## I. QUESTÕES CONTEXTUAIS

*“Tomem a criança ou eu pulo com ela no rio”.*<sup>3</sup>

O estudo de caso, que é a base dessa pesquisa, se dará a partir de uma investigação do Lar da Criança Henrique Liebich e suas relações com a sociedade e Estado. O Lar está situado à Rua José Bonifácio, 1623, Bairro Storch, Ijuí - RS.

O município de Ijuí foi fundado em 19 de outubro de 1890 e está situado no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a uma distância de 395 km da capital

<sup>2</sup> Referenciais para esta metodologia podem ser: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro, 2005. 70 p. (Série: Pesquisa, 13); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p. (Temas sociais).

<sup>3</sup> O BATISTA Pioneiro, Ijuí, p. 12, out. 1995.

gaúcha. Localiza-se a uma latitude 28°23'16" sul e a uma longitude 53°54'53" oeste, estando a uma altitude de 328 metros acima do nível do mar.

Com uma população de 78.916 habitantes, de acordo com o censo de 2010, é o terceiro município mais populoso da região Noroeste/Missões, que abrange 216 municípios, atrás apenas de Passo Fundo e Erechim. Ocupa a 25ª colocação de 496 municípios que formam o estado do Rio Grande do Sul e está entre os 10 melhores municípios em qualidade de vida do estado. 91% da população está concentrada em zona urbana. Quanto a domicílios, Ijuí comporta 26.781 ocupados, 31 domicílios improvisados, 1.673 vagos e 728 de uso ocasional.<sup>4</sup> “Por ser uma cidade universitária e com amplos recursos hospitalares, possuindo um dos melhores hospitais do interior do Rio Grande do Sul, Ijuí tem um fluxo de aproximadamente 100.000 pessoas, sendo o maior e mais importante centro populacional da região”.<sup>5</sup>

Ijuí também é conhecida como “Terra das culturas diversificadas”, por reunir as mais diferentes etnias: alemães, italianos, poloneses, austríacos, africanos, suecos, letos, indígenas, portugueses, espanhóis, russos, árabes, gaúchos, entre outros. “Este título foi atribuído à cidade porque em 19 de outubro de 1890 a então Colônia de Ijuhy<sup>6</sup> foi colonizada por pioneiros de 19 etnias que nesta terra se estabeleceram e iniciaram uma vida de trabalho árduo, prosperidade e desenvolvimento”.<sup>7</sup> Cada etnia cultivava o chão com a sua própria cultura, adequando-se às novas tecnologias sem, no entanto, perder a sua essência e ímpeto empreendedor.

Para manter viva a chama deste legado empreendedor e a tradição de cada etnia através das gerações, foi criada a FENADI (Festa Nacional das Culturas Diversificadas). É talvez a única festa brasileira que consegue reunir as mais diferentes etnias num parque de exposições, cada qual em sua casa típica, conforme sua tradição. Na festa o “respeito às diferenças se consolida através da harmoniosa convivência entre as diversas culturas que dividem um mesmo ambiente para mostrarem suas peculiaridades, sua gastronomia, trajes típicos, tradições e toda riqueza que cada povo trouxe para esta região”.<sup>8</sup>

Esta diversidade, acolhimento e respeito entre as etnias pode ser um motivo facilitador para que o município de Ijuí abrigue quatro instituições de acolhimento.

<sup>4</sup> APRESENTAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ijuui.rs.gov.br/noticia/index/16329>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

<sup>5</sup> IJUÍ. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Iju%C3%AD>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

<sup>6</sup> Ijuhy na língua guarani significa “Rio das Águas Claras” ou “Rio das Águas Divinas”.

<sup>7</sup> FENADI. Disponível em: <<http://www.expoijuifenadi.com.br/publicacao-293-fenadi.fire>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

<sup>8</sup> FENADI, 2013.

Porém, ao fazer uma análise mais acurada, chegamos à conclusão de que o Lar Henrique Liebich tornou Ijuí referência para crianças em situação de vulnerabilidade. Esta referência causou uma procura em Ijuí por abrigamento de crianças no estado e em todo sul do país, fazendo com que se criassem mais três instituições de abrigo. Além destas quatro instituições, ainda existiu até meados da década de 1990 o Instituto de Menores de Ijuí, ainda nos moldes que Lidia Weber descreve como “casa da bruxa”,<sup>9</sup> pelo fato de as instituições até então serem consideradas apenas como depósito de crianças.

## 2. LAR HENRIQUE LIEBICH: FASE INICIAL

### 2.1 Os primórdios

Henrique Liebich, proveniente da Linha 18, era agricultor e morava com sua família na localidade de Monte Alvão, na época pertencente ao município de Ajuricaba. Sua esposa, Frieda, era parteira e muito solicitada na região para fazer partos, devido à escassez de médicos e hospitais. O casal Henrique e Frieda tinha nove filhos.

Na história desta família, o dia 24 de outubro de 1954 foi muito especial. Neste dia, Frieda foi chamada por uma moça grávida, solteira e que havia chegado até a fazenda dos Liebich para trabalhar. Na verdade, o trabalho era apenas pretexto, pois ela queria doar a criança após o nascimento e voltar para seus familiares como se nada tivesse acontecido. Um casal de idosos, agregados da fazenda, iria adotar a criança, mas os dois foram acometidos por doenças e conseqüentemente desistiram da adoção. Frieda, além de fazer o parto, cuidou do casal enfermo, da criança e da mãe solteira. Quando o bebê completou oito dias, foi abandonado pela mãe na casa do casal, que não tinha condições de cuidar do bebê. Foi então que Frieda o levou consigo para amamentar, pois já amamentava seu próprio filho, Roberto, de quatro meses. Pôs o nome de Astrogildo no pequeno abandonado. Henrique notificou o Juizado de Ijuí e recebeu a guarda provisória da criança.<sup>10</sup>

O dia 24 de maio de 1960 deveria ser um dia corriqueiro como os demais, mas para o casal Liebich não foi. Henrique e Frieda foram à então vila de Ajuricaba para fazerem suas compras. Para surpresa sua, ao chegarem ao estabelecimento comercial de Norberto Oderman - que também resolvia problemas de menores junto à Comarca do município de Ijuí - este lhes apresentou três crianças abandonadas: José Clenio,

<sup>9</sup> WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyi. *Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção*. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2000. p. 34.

<sup>10</sup> MOREIRA, Zidrone Liebich. *Liebich: uma história de fé, esperança e amor*. [S.l.:s.n.], [2011?]. p. 4.

de quatro anos; Lourdes, de dois anos e João Enio, de nove meses. Explicou que as crianças haviam sido abandonadas por trabalhadores de uma fazenda e logo efetuou o seu pedido: “Vocês poderiam me ajudar a resolver esse problema? Vocês, que já tem uma criança, poderiam abrigar mais essas três até que eu encontre os pais ou arranje outra solução?” Henrique respondeu: “Mas eu já estou aguardando há seis anos vocês encontrarem a mãe do menino que está comigo e até hoje não pôde ser registrado”. Mesmo assim, conversou com Frieda e acabaram por acolhê-los, pois o amor deles pelos inocentes abandonados falou mais forte.<sup>11</sup>

Na viagem de volta para Monte Alvão, o casal teria que percorrer em torno de 20 km de carroça. Tiveram tempo suficiente para conversar e concluíram que havia a necessidade de uma instituição que acolhesse as crianças abandonadas. Já em casa, naquela noite Henrique reuniu a família e conversou sobre as crianças que já estavam com eles e tantas outras que ainda necessitavam ser abrigadas. Era de praxe realizar o culto familiar e, neste dia, oraram a Deus pedindo ajuda sobre a possibilidade de criação de um orfanato na casa da família Liebich.<sup>12</sup>

Após esta decisão, Henrique foi conversar com o Pr. Oskar Horn. Este concordou com a ideia do orfanato, porém advertiu-o sobre as dificuldades de conciliar orfanato, família e sustento,<sup>13</sup> e que não poderiam contar com o apoio das igrejas da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. A resposta de Henrique foi: “Tenho convicção que esta é a vontade de Deus, e só contarei com Ele e com aqueles que Ele mover para sustento desta obra que é Dele”.<sup>14</sup> Diante da convicção de Henrique, o Pr. Oskar Horn escreveu uma carta ao Pr. Ricardo Petrowski, que era primo do pai de Frieda e havia fundado um Instituto para Cegos no Rio de Janeiro, pedindo informações sobre a documentação legal para organização de uma entidade beneficente. O Pr. Ricardo respondeu enviando cópias dos Estatutos de Orfanatos da Convenção Batista Brasileira e orientações para fundar tal entidade.<sup>15</sup>

Em 11 de fevereiro de 1961 foi fundado<sup>16</sup> oficialmente o Orfanato Batista “Henrique

<sup>11</sup> MOREIRA, [2011?], p. 5.

<sup>12</sup> MOREIRA, [2011?], p. 5.

<sup>13</sup> Não havia apoio por parte dos órgãos oficiais do governo, logo o sustento se limitava ao resultado das colheitas. IJUÍ terá “Lar da Criança Henrique Liebich”. *Jornal da Manhã*, Ijuí, 18 out. 1975, Caderno especial.

<sup>14</sup> MOREIRA, [2011?], p. 5.

<sup>15</sup> MOREIRA, [2011?], p. 5-6.

<sup>16</sup> Os sócios fundadores foram: Henrique Liebich, Frieda Liebich, Arnold Reinke, Frieda Reinke, Willy von der Fee, Naomi von der Fee, Benjamin Liebich, Elzira Cristina Liebich, Arlindo Cardoso, Albertina Cardoso, Dorvalino dos Santos, Iracema dos Santos, Cristiano Liebich, Zidrone Liebich, Sibila Liebich, Alvine Minikel e Alma Endel.

Liebich”. O Pr. Oskar Horn, representante credenciado da Primeira Igreja Batista de Ijuí, foi quem dirigiu a reunião. A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente: Henrique Liebich; Secretária: Zidrone Liebich; Tesoureiro: Willy von der Fee e Conselheiro: Pr. Oskar Horn. Na ocasião, também foi aprovado o estatuto e o Orfanato foi registrado como pessoa jurídica. Posteriormente, foi elaborado o regimento interno que regulamentaria o seu funcionamento.

O orfanato foi instalado na residência da família Liebich e iniciou suas atividades com sete crianças: Astrogildo, que já estava abrigado no lar da família, e mais seis que foram acolhidas no decorrer de 1960.<sup>17</sup> Em fevereiro de 1962, foi comemorado o primeiro ano de funcionamento do orfanato, que nesta data já contava com dezoito internos.<sup>18</sup>

Até o ano de 1964, as crianças eram cuidadas por Frieda e a filha Sibila. O número de internos aumentava rapidamente. Em 1962, já eram vinte e quatro crianças; em 1963, trinta e três; em 1964, quarenta e seis e em 1965 já eram cinquenta crianças - número máximo que o orfanato poderia suportar.<sup>19</sup>

O que pode ser destacado até este momento da pesquisa é a perseverança e o amor que Henrique e sua família tinham por crianças abandonadas. Além disso, Henrique também confiava nas crianças em situação de vulnerabilidade a tal ponto de abraçar um grande projeto, que era a construção de um orfanato. Como já comentei nas questões introdutórias, este tornou o município de Ijuí uma referência em cuidados com crianças em situação de vulnerabilidade. O projeto de Henrique foi tão bem elaborado que motivou a construção de mais três casas de acolhimento.

## 2.2 Contexto geográfico

Como já citado anteriormente, na época do surgimento do então Orfanato Batista Henrique Liebich a localidade de Monte Alvão pertencia ao município de Ajuricaba. Portanto, tentarei explicar o rápido aumento do número de acolhidos já naquele ano. Este fenômeno, que pode assim ser chamado, de uma localidade rural conglomerar alto número de crianças em situação de risco, tem como possível explicação a distribuição demográfica. De acordo com o censo de 2010, o município de Ajuricaba conta com 7.255 habitantes. Destes, 4.108 (56,6%) estão concentrados em zona urbana e 3.147

<sup>17</sup> MOREIRA, [2011?], p. 6.

<sup>18</sup> JORNAL Correio Serrano, Ijuí, p. 5, 14 fev. 1962.

<sup>19</sup> MOREIRA, [2011?], p. 5-6.

(43,4%) em zona rural.<sup>20</sup> Estes números demonstram que quase metade da população atual ainda vive na zona rural.

Com a emancipação de Nova Ramada em 28 de dezembro de 1995, a localidade de Monte Alvão, que pertencia a Ajuricaba, passa a pertencer ao novo município de Nova Ramada. Este é essencialmente agrícola. Apenas 670 (27,5%) moradores estão radicados na zona urbana, enquanto 1.767 (72,5%) concentram-se em áreas rurais. Ao todo, o município possui 2.437 habitantes.<sup>21</sup>

Se comparado com dados do censo do ano de 2000, há 286 habitantes a menos, significando um crescimento negativo de 10,50% nos últimos dez anos. De acordo com o atual prefeito, Hardi Milton Eickoff, um dos fundadores do município e no cargo pelo terceiro mandato, na data da emancipação Nova Ramada possuía 2.534 habitantes, todos moradores da zona rural.

A partir dos dados acima, percebemos que na localidade de Monte Alvão havia mais habitantes no passado que atualmente. Este maior número de habitantes em áreas rurais se dava em face da ainda não mecanização da agricultura em terras férteis e cobertas de mata.<sup>22</sup> Este fato demandava mão de obra, ou seja, havia muitos funcionários agrícolas naquela época. Presume-se que, com a mecanização da agricultura, muito trabalhadores rurais acabaram perdendo seus empregos - o que não justifica o abandono de filhos, embora possa ter contribuído para isso.

Segundo a tradição popular, muitos agregados ou “peões de granja”, como eram denominados pela cultura local, ao perderem seu emprego abandonavam suas companheiras grávidas ou já com filhos. Fato que já poderia ser considerado uma violência contra a mulher. Cito como exemplo: “Numa certa noite do ano de 1959, uma senhora bateu à porta da casa da família Liebich [...]. Fora abandonada por seu marido e não tinha condições de sustentar seus três filhos - uma menina de quatro anos, um menino de 2 anos e outro menino, de nove meses”.<sup>23</sup> Ela entregou-os aos cuidados da família Liebich. Edelmar Fridrich relata que participava dos cultos na casa de Henrique juntamente com familiares e crianças. Segundo ele, não raras vezes as mães biológicas também permaneciam trabalhando no orfanato.

Naquela época, as famílias eram numerosas. Os filhos eram extremamente úteis

<sup>20</sup> SINOPSE dos resultados do censo de 2010. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=43&cod2=430020&cod3=43&frm=urb\\_rur](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=43&cod2=430020&cod3=43&frm=urb_rur)>. Acesso em: 19 jan. 2013.

<sup>21</sup> SINOPSE, 2013.

<sup>22</sup> As terras a partir das regiões limítrofes de Monte Alvão eram consideradas campos de barba-de-bode, portanto, na época inúteis para a agricultura, embora servissem para a criação de gado.

<sup>23</sup> DER MISSIONSBOTE, [S.L.:s.n.], Jahrgang 50, Nr. 4, p. 12, April 1976.

no trabalho familiar em propriedades agrícolas, fato que, conforme Maria Motta, evitava o abandono de crianças no meio rural.<sup>24</sup> Mesmo assim, o elevado número de filhos pode ser um fator de explicação para o alto número de crianças no orfanato na década de 60.

Outro fator, além do elevado número de filhos e da mecanização da agricultura, poderia ser a pobreza. No ambiente agrícola, facilmente acontecem frustrações de safra. Historicamente, nesta região específica, uma em cada três ou quatro anos. Tais frustrações podiam acontecer por falta de chuva ou até mesmo excesso desta. Além da perda dos produtos agrícolas, a abundância ou escassez dos recursos hídricos também prejudicava a criação de animais e a produção de leite.

Ainda, segundo informação de populares, a expectativa de vida na época girava em torno de 45 anos.<sup>25</sup> Por este motivo, quatro sobrinhos de Henrique ainda crianças perderam seus pais e tiveram de ser acolhidos no orfanato do tio. A todas estas situações, ainda pode ser somado o desespero. Diante da miséria é fácil entender a frase de uma mãe que entregou o filho para adoção: “Tomem a criança ou eu pulo com ela no rio”, citada no início deste capítulo. Para esta mãe específica, talvez seria o mal menor. Ela entregou o filho por amor.

### 2.3 Contexto cultural

Até o início do ano de 1800, a área geográfica pertencente a Nova Ramada e arredores era ocupada por indígenas, os Kaingang e os Guarani. Após esse período, a ocupação acontece com portugueses mesclados com africanos e indígenas. Estes ocupantes conseguiam legalizar vastas áreas de terras.<sup>26</sup> A legalização poderia culminar com a expulsão dos indígenas e a própria mescla também gerava filhos sem pais. Pensava-se que por serem indígenas ou negros não haveria maiores consequências no sentido familiar.

Outro aspecto, segundo a tradição popular (mas que em tese é apenas teoria), era o assassinato de chefes de família por parte de latifundiários, numa tentativa de se apossar da propriedade de uma família que sobrevivia à custa da agricultura de subsistência. Com a falta do pai, os filhos e principalmente as filhas e até as viúvas

<sup>24</sup> MOTTA, Maria Antonieta Pisano. *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 54.

<sup>25</sup> Segundo estatísticas do IBGE, em 1950 a expectativa de vida era de 52,82 anos. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP210&sv=36&t=esperanca-vida-nascer>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

<sup>26</sup> NOVA RAMADA. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Ramada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Ramada)>. Acesso em: 24 jan. 2013.



ficavam abandonados à mercê da sorte e, na melhor das hipóteses, geravam novos “abandonados” a partir de novas uniões ilícitas.

No dia 3 de janeiro de 1925, um fato marcante para a região foi a passagem da Coluna Prestes. Neste dia aconteceu o confronto da Coluna com Forças Legalistas do governo. O confronto ficou conhecido como Combate da Ramada.<sup>27</sup> Segundo um jornal da época, “o combate, que durou doze horas, foi [...] dos mais renhidos e sangrentos da revolução e terminou com a retirada dos rebeldes”.<sup>28</sup>

A Coluna Prestes era constituída de jovens militares que saíram armados dos quartéis e tinham como objetivo a revolta contra a República Velha. Era a época do tenentismo. Muitos capitães e tenentes tomavam a mesma atitude. O capitão Luis Carlos Prestes, de 26 anos de idade, era um dos líderes da Coluna. Havia abandonado o 1º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo - RS. O grupo liderado por Prestes percorreu cerca de quinze mil quilômetros pelo interior do Brasil, sem nunca se aproximar do governo federal.

Não se sabe ao certo o propósito das viagens pelo interior desprotegido do país. Segundo alguns historiadores, conscientizar a população do seu estado de miséria e pobreza. Porém, conforme revelam documentos encontrados recentemente, “os integrantes da Coluna Prestes estiveram bem longe de ter apoio popular ou mesmo de tentar conquistá-lo. E não só conheceram a miséria do interior do Brasil como a tornaram ainda maior”.<sup>29</sup> Por onde passava, a Coluna saqueava o comércio e os agricultores - em alguns casos, totalmente. A brutalidade existia até mesmo entre o grupo da Coluna: “consta que os rebeldes mataram o comerciante Germano Räder na Ramada, apesar de ser correligionário d’eles”.<sup>30</sup>

No ano de 1999, o Centro de Pesquisa e documentação da Fundação Getúlio Vargas abriu cartas e fotos de Juarez Távora, que era um dos líderes da Coluna. Entre a documentação aberta, havia cartas escritas e recebidas pelos líderes do grupo. O conteúdo das mesmas revela que o grupo “não era recebido com festas por onde passava - pelo contrário. Saques, estupros, assassinatos e outras atrocidades<sup>31</sup> deixavam a população aterrorizada. Ao saber da chegada dos arruaceiros, o povo

<sup>27</sup> NOVA RAMADA, 2013.

<sup>28</sup> ACONTECIMENTOS revolucionários. Correio Serrano, Villa Ijuhy, 14 jan. 1925.

<sup>29</sup> NARLOCH, Leandro. Guia politicamente incorreto da história do Brasil. 2. ed. São Paulo: Leya, 2011. p. 295-297.

<sup>30</sup> ACONTECIMENTOS revolucionários. Correio Serrano, Villa Ijuhy, 7 jan. 1925.

<sup>31</sup> Lembro-me que meu avô e meu pai, por serem moradores das imediações interioranas de Santo Ângelo, ao se referir à Coluna Prestes faziam menção a estas atrocidades no mesmo teor em que são descritas por Narloch.

costumava fugir da cidade para evitar que seu rebanho acabasse no prato dos invasores”.<sup>32</sup> A situação de medo imposta pelo grupo era tal que até os padres intervinham para defender o povo.

O Pe. José Senabre Sanroman registrou nos livros da igreja: Recomendação para que se faça um tríduo de preces públicas para obter de Deus a paz e a tranquilidade na Diocese de Goiás, infelizmente agora invadida por hordas de bandidos. Invadido, pois, o município e de posse da cidade, os revolucionários praticaram toda sorte de depredações e violências, roubando, saqueando o comércio e fazendeiros, incendiando casas e fazendas e assassinando vítimas ignorantes, dando em resultado um prejuízo incalculável para o desventurado, pobre e flagelado município de Rio Bonito, ficando grande número de famílias na fome e sem roupa.<sup>33</sup>

A partir da análise dos novos documentos, revelou-se que a Coluna Prestes, ou a maioria dos integrantes do grupo, apenas queria se aventurar pelo Brasil, aproveitando-se das cidades indefesas. Eliane Brum, jornalista ijuiense que refez os 15.000 km percorridos por Prestes, relata que a tropa comia e se vestia nos lugares mais miseráveis. “Se grande parte dos combatentes não sabia nem que presidente tinha de derrubar, era esperar demais que as populações dos rincões mais perdidos do Brasil, onde jornal não chegava, compreendessem, apoiassem e assistissem seus poucos bens irem embora com alegria no coração”.<sup>34</sup>

Ainda segundo a jornalista, referindo-se ao combate da Ramada, após “encharcar a terra de sangue, revoltosos e legalistas debandaram. Não ficaram para assistir ao espetáculo: os cadáveres foram devorados pelos porcos durante oito dias, tempo exato que o intendente levou para mandar enterrar os despojos da batalha”. Domingos Lima, sobrevivente do combate e entrevistado pela jornalista, relatou: “Quando as covas foram abertas, só havia ossos desencarnados para enterrar. As árvores tinham ficado pretas por causa das moscas”. Diante das cenas macabras que revivia resultantes do Combate, para a sua própria morte Domingos pediu: “um lugar na terra, longe de porcos, das moscas e de meu inimigo Luis Carlos Prestes”.<sup>35</sup>

Elias Antonio Batista Prates, nascido em 20 de janeiro de 1916, a 1 km do

<sup>32</sup> NARLOCH, 2011, p. 297-298.

<sup>33</sup> ALGODÃO doce, pipoca e Coluna Prestes. In: *Catolicismo*: revista de cultura e atualidades. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=B5343852-CC49-1333-56D8939AE09E8DC4&mes=Agosto1999>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

<sup>34</sup> BRUM, Eliane Cristina. *Coluna Prestes*: o avesso da lenda. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p. 7.

<sup>35</sup> BRUM, 1994, p. 30

Combate, conta que após o trágico enfrentamento foram encontrados mais de 400 corpos já em decomposição, dos quais vinte eram de mulheres.<sup>36</sup> Atualmente, conta-se ainda que os homens ou se escondiam nas matas ou eram recrutados à força pela Coluna, alguns para lutar por um ideal indefinido, outros para servir de guia nas picadas sem rumo. Quem resistia para proteger seus bens, morria.

No meu tempo de pastorado na Igreja Batista de Nova Ramada, pude fazer as mesmas constatações ao conversar com moradores mais antigos, normalmente filhos de quem viu ou até mesmo participou do Combate. À beira da estrada que liga o município de Ajuricaba a Palmeira das Missões, mais precisamente na localidade de Esquina Umbú, jaz um túmulo em meio a uma lavoura de soja com algumas árvores. Ali foram sepultados seis legalistas. É o que restou para Nova Ramada do mais sangrento combate da Coluna Prestes. Mas nas conversas com moradores também percebi que, além do túmulo, ficaram marcas profundas de dor, medo e pavor de familiares mais próximos das vítimas. Na melhor das hipóteses, talvez um dia o túmulo seja considerado um ponto turístico, visto que Nova Ramada está situada na Rota do Yucumã, ou até mesmo sirva para futuras escavações arqueológicas.

Por muito tempo a Coluna Prestes foi ensinada e apresentada à população como um movimento de ideais sociais relevantes. Até então, só se admitia heróis. Esse fato só pode ser explicado pela “parcialidade gratuita e absurda em favor da ideologia comunista, que infelizmente tomou conta de grande parte de nossas elites intelectuais e midiáticas”.<sup>37</sup>

A partir da análise do contexto geográfico e cultural, podemos concluir que o povo daquela época vivia em fases de transição, como colonização, imigração e mescla de raças. Estas situações podem ter desencadeado uma espécie de cultura de abandono e que lentamente foi se estendendo até o final da década de 1950 e início da de 1960. A falta de políticas públicas, de apoio e orientação às mães e às mulheres que ainda não tinham filhos e a distante localização de centros urbanos com recursos como médicos e hospitais, facilitava a perpetuação do abandono.

No entendimento de Maria Motta, a “criança que não foi objeto de carinho, cuidado e atenção pessoal e prolongados poderá ter dificuldades em relacionamento futuro, desenvolver comportamentos antissociais, doenças psicossomáticas ou ter

<sup>36</sup> Entrevista arquivada na Biblioteca de Nova Ramada, realizada por autor anônimo.

<sup>37</sup> ALGODÃO, 2013.

dificuldade em construir uma família saudável”.<sup>38</sup> O grande acúmulo de crianças no Lar Henrique Liebich é ainda melhor explicado por Maria Motta quando esta defende a tese de que a “falta de elaboração adequada da entrega de um filho pode, a nosso ver, talvez explicar os casos nos quais o ciclo abandono-adoção tende a se repetir. Não raro, após a entrega de um filho decorrem sucessivas gravidezes que parecem *grosso modo* objetivar preencher o vazio de um luto não elaborado, talvez até aplacar a culpa decorrente de tal ato”. Segundo ela, no seu diálogo sobre abandono e adoção “tudo o que essas mulheres conseguem é aprofundar cada vez mais o fosso, contribuindo para a praga social do abandono sucessivo de crianças”.<sup>39</sup>

No século XVII surgiu, na França, um grande articulador de ações solidárias: o sacerdote Vicente de Paula. Certo dia, ao anoitecer, caminhava ao longo do muro de Paris. Repentinamente ouviu gritos estarrecedores de uma criança. Viu como um mendigo a mutilava. Era costume dos mendigos se apoderarem de crianças “ilegítimas” (abandonadas) e mutilá-las. Com seus atos revoltantes, os mendigos procuravam chamar a atenção dos transeuntes, sensibilizando-os para receberem generosas doações. Além disso, também era prática da época vender as crianças. O contexto para tamanha brutalidade era a Guerra dos Trinta Anos.<sup>40</sup>

Naquela noite, Vicente viu não apenas a miséria das crianças, mas também a dos mendigos. Estes se organizavam em associações e viviam em lugares próprios da cidade. O maior destes locais reunia cerca de 3.000 pessoas. Nenhuma proibição conseguiu acabar com a mendicância. A polícia temia entrar nestes lugares e a igreja não enviava seus servidores a este tipo de ambiente. Porém, Vicente foi ao encontro de tal situação e construiu um hospital para recuperação de mendigos.<sup>41</sup>

É necessário destacarmos na atitude de Vicente não só o grito da criança, mas a causa que gerava o grito nela e ainda em muitas outras. Ele percebeu que as crianças eram mutiladas devido à miséria. Esta, gerada num contexto de guerra, produzia a mendicância. Os mendigos se aproveitavam de crianças indefesas para exigir esmolas das pessoas. Atacando as causas, Vicente evitou muitas consequências graves em pessoas.

<sup>38</sup> MOTTA, 2001, p. 34.

<sup>39</sup> MOTTA, 2001, p. 35.

<sup>40</sup> VONHOFF, Heinz, HOFMANN, HANS-Joachim. *Samariter der Menschheit: Christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart*. Tradução de Rodolfo Gaede Neto. München: Claudios-Verlag, 1977, p. 80-83.

<sup>41</sup> VONHOFF, 1977, p. 80-83.

### 3. MÃES ABANDONADAS

Até ao presente momento da pesquisa, o objeto foi a criança abandonada. Mas, pelo contexto geográfico e cultural da região do início do orfanato, concluímos que havia também mães abandonadas. Pela ligação particular que possuo com o Lar Henrique Liebich, preciso necessariamente nesta altura da pesquisa também abordar - embora superficialmente - a “mãe abandonada”.

Diante desse tema, a pergunta intrigante e que não quer calar é: “O que poderia levar uma mãe a entregar o seu filho ou abandoná-lo, na pior das hipóteses?” Esta questão perturba-me ainda mais diante do texto bíblico considerado áureo em situações de abandono: “Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? [...]” (Is 49.15).

A raiz do termo hebraico שָׁכַח (*shakah*) pode ser traduzida por “esquecer”, “desconsiderar”. Aqui, esquecer “não é simplesmente um ato psicológico em que o pensamento sai do estado consciente, por um lapso temporário ou permanente de memória. Isso se vê com a frequente associação do verbo com uma ação”. Em analogia pode ser citado o exemplo de Dt 8.11: “Tenham o cuidado de não se esquecer do Senhor, o seu Deus [...]”. Na continuação do raciocínio de Hamilton, “esquecer-se de Deus é ignorar os seus mandamentos”.<sup>42</sup> Ao transferir este pensamento para a condição maternal, poderíamos concordar com a tradução do *Dicionário hebraico-português*: “lançar no esquecimento”, “destruir a lembrança”. A mãe que abandona seu filho age como se destruísse a lembrança da imagem dele. Talvez este seja o motivo para muitas mães que decidiram entregar o filho para adoção não desejarem ver o rosto do bebê na hora do nascimento.

Na minha observação ao longo da existência do Lar pude perceber que mães entregavam seus filhos aos cuidados do Lar por pressão ou *motivação externa* (situação de extrema necessidade, gerada pela miséria e pobreza). Mas depois de um tempo, com o filho já em melhores condições de vida, arrependidas procuravam reassumi-lo novamente. Em muitas situações esta mãe já estava destituída do pátrio poder e a criança encaminhada para adoção. Tal situação acabava gerando uma “disputa” pela criança, ocasionando sofrimento para a criança, para os pais adotivos e para a mãe biológica.

Para Maria Motta, este tipo de situação “poderia ser evitada se tivéssemos

<sup>42</sup> HAMILTON, P. Victor. שָׁכַח In: HARRIS, R. L. et al. (Orgs). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1556-1557.

condições de diagnosticar a decisão da mãe e orientá-la [...]”.<sup>43</sup> Mães que tiveram tal atitude não entregaram seu filho por falta de amor, mas por amor. Para elas, a entrega poderia proporcionar que ele tivesse melhores condições de vida. Porém, como o processo de entrega foi mal elaborado, a mãe acabava tendo outros filhos, talvez até como tentativa de superação da dor da perda ou luto pela entrega. Se o filho entregue ao Lar acabava não sendo adotado, conseqüentemente virava criança institucionalizada, enquanto os filhos gerados posteriormente gozavam de afeto familiar.

No outro extremo, havia mães que nunca mais apareciam, nem sequer para visitar o filho. Viam a criança como o motivo da sua desgraça e não conseguiam desenvolver um relacionamento afetivo. Frequentemente partiam de *motivações internas* para entregar o filho, tais como: pouca idade, desejo de concluir seus estudos, falta de preparo para a maternidade e pressão familiar. Além destes motivos, ainda pode ser acrescentado o da irresponsabilidade.

Na minha observação também percebi que mães alimentavam seus filhos pequenos com pequenas doses de bebida alcoólica; a criança ficava por horas dormindo, enquanto elas frequentavam diversões noturnas, correndo risco iminente de gerar nova criança rejeitada. Quando tais crianças chegavam ao Lar, já estavam subnutridas e em precário estado de saúde. Em muitos casos, as situações vividas na infância trouxeram sequelas irreversíveis. Estas sequelas, além de dificultar a vida da criança, também dificultam a adoção. Neste sentido, não se pode acusar pais candidatos à adoção de discriminação, mesmo que a criança em si não tenha culpa do que foi feito com ela. Quem na verdade deve ser responsabilizado é a mãe e o “pai” que geraram uma criança neste estado de irresponsabilidade.

Portanto, diferente de abandonar é entregar o filho para alguém com melhores condições para cuidar dele, desde que seja feito de forma que venha a proporcionar à criança laços afetivos de família. Assim, antes de criticar uma mãe por ter entregue seu filho para adoção, é necessário analisar o contexto social em que ela e o filho estavam inseridos. Mais prudente do que criticar, julgar e condenar seria apontar caminhos para uma transformação social que resultasse na não existência de crianças em situação de vulnerabilidade social.

Uma narração bíblica exemplifica os dois tipos de mães. Em certa ocasião, duas mulheres que moravam na mesma casa deram à luz cada uma a um filho. Porém, o filho de uma delas morreu esmagado pela própria mãe. Esta trocou a criança morta

---

<sup>43</sup>MOTTA, 2001, p. 35.

pela viva, que era filha da outra mulher. Após discutirem sobre quem seria a mãe da criança, não chegando a um acordo, compareceram diante do rei Salomão, pedindo-lhe para que julgasse o caso.

Mesmo diante do rei não houve acordo. O rei pediu que a criança fosse cortada ao meio e cada uma receberia a metade. Antes de a sentença ser cumprida, a mãe legítima do filho vivo “movida pela compaixão materna, clamou: ‘Por favor, meu Senhor, dê a criança viva a ela! Não a mate!’ A outra, porém, disse: ‘Não será nem minha nem sua. Cortem-na ao meio!’” (1Rs 3.26).

Como já mencionado anteriormente, as crianças eram acolhidas no Lar por questões de extrema pobreza e orfandade. As políticas sociais do Estado têm contribuído em larga escala para diminuir o número de acolhidos nas instituições por motivos de pobreza. Atualmente as crianças são acolhidas por terem sido vítimas de abuso sexual, maus-tratos, vulnerabilidade social e drogadição familiar.

Ao comparar o perfil dos acolhidos em diferentes épocas, percebe-se nitidamente uma mudança: a causa principal de acolhimento atualmente não é mais a pobreza, e também dificilmente é a orfandade. A partir da análise dos dois tipos de mães descrita acima, a criança normalmente é acolhida por instabilidade familiar. Ou seja, permanece a *motivação interna* da mãe para agora não mais entregar a criança mas, por intervenção judicial a partir do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), ser encaminhada diretamente para adoção por familiares ou por uma família substituta e, em último caso, designada a uma instituição de acolhimento. Nesta, não poderá permanecer por um período superior a dois anos, conforme parágrafo 2º, art. 19 do ECA.

Se por um lado o número de acolhidos diminuiu nas instituições, é porque estão acolhidos ou adotados por familiares ou famílias substitutas. Ou seja, o problema da rejeição infantil continua persistindo, porém o que o ameniza são as adoções. Fato altamente positivo para as crianças. Por outro lado, se o problema continua existindo, de que forma ou por que ele continua persistindo?

Partindo do pressuposto da *motivação interna* da mãe e fazendo disso uma (des) *motivação* também para o pai, podem-se enumerar deficiências morais na sociedade e que inevitavelmente desembocam em vítimas indefesas; estas deficiências são as mesmas já acima citadas: abuso sexual, maus-tratos, vulnerabilidade social e drogadição familiar. Ou seja, as crianças continuam sendo abusadas, oprimidas, exploradas e rejeitadas. O que mudou no processo de discriminação infantil em relação ao passado é apenas a modernização metodológica da exploração infantil.

#### 4. A REALIDADE DE UM SONHO

Diante do elevado número de crianças, a casa da família Liebich precisou passar por remodelações que aumentaram a capacidade de abrigo. Muita ajuda vinha por meio de doações, como uma bomba para poço de água (até então, tirar água do poço era tarefa feita manualmente) e sacos em que vinha adubo para a agricultura, que eram alvejados e tingidos para a confecção de camisetas, bermudas, toalhas... Para ir à igreja, era usado um trator com carreta; posteriormente a situação melhorou e a família adquiriu um caminhão, o que facilitou o transporte.

As crianças acolhidas no Orfanato participavam da vida social normal. Frequentavam a Igreja Batista de Monte Alvão e os primeiros batizados foram: Eni Fátima de Oliveira; Nilza Rodrigues; Dulce Candoso; Benedito Vanderlei Rodrigues e Dalila Oliveira da Costa. O batismo aconteceu no dia 22 de outubro de 1972.<sup>44</sup> Em anos posteriores, outros batismos realizaram-se, chegando o número de membros da igreja a 142.<sup>45</sup> Um número bastante significativo e comprobatório do expressivo número de habitantes para aquela época. Atualmente, a igreja possui apenas 10% desse número de membros. As crianças acolhidas também estudavam na Escola Municipal Monte Alvão.

Como o orfanato funcionava na casa da família Liebich, não se fazia nenhum tipo de campanha para arrecadar fundos. As doações eram resultantes da iniciativa dos próprios doadores. Henrique confiava em Deus e em suas promessas para sustentar o orfanato.

Como base para tal esperança, ele citava o Salmo 10.14: “Mas tu enxergas o sofrimento e a dor; observa-os para tomá-los em tuas mãos. A vítima deles entrega-se a ti; tu és o protetor do órfão”. Naturalmente, este salmo suscitava para Henrique uma reflexão teológica importante para sua obra social. Assim sendo, é necessário também aqui fazermos uma breve análise deste salmo.

No contexto maior, ou seja, em todo o salmo 10,<sup>46</sup> aparece quatro vezes o termo **רָשָׁע** (*rasha*), que significa “perverso” ou “criminoso”. Segundo Livingston, esse “substantivo masculino aparece 266 vezes, principalmente em Jó, Salmos, Provérbios e Ezequiel”. O termo também é usado em “paralelo com quase todas as palavras hebraicas designativas de pecado, mal e iniquidade”. Ainda tem a “função adjetiva para designar em termos concretos as ações e conduta de um determinado

<sup>44</sup> IGREJA Batista de Monte Alvão. Ajuricaba. Ata n. 2. Ata de assembleia. 1972.

<sup>45</sup> IGREJA Batista de Monte Alvão. Ajuricaba. Ata n. 6. Ata de assembleia. 1976.

<sup>46</sup> Na Septuaginta, os salmos 9 e 10 constituem um único salmo.



tipo de pessoa. Às vezes o contexto aponta para a atitude e a intenção das pessoas. *rasha* é basicamente um fato objetivo ao invés de um fenômeno subjetivo”.<sup>47</sup>

Para Henrique Liebich este salmo deveria exemplificar a realidade diária no cuidado com as crianças. Primeiramente, porque Deus enxergava o sofrimento e a dor. Liebich convivia com a dor e o sofrimento que esta causa. Pessoas crentes em Deus são sensíveis porque Deus não quer o sofrimento. A dor de ser órfão, de um filho ser entregue pela mãe aos cuidados de outros e também a dor da própria mãe “abandonada”. Talvez ele entendesse que esta situação social se ocasionava pela ação dos ímpios. Conforme Livingston, “pessoas ímpias ou perversas eram culpadas da violação dos direitos sociais dos outros [...]”.<sup>48</sup>

Em segundo lugar, Liebich via nesse texto que Deus observa a dor e toma o necessitado em suas mãos. Numa perspectiva humana, Deus entende por meio do sofrimento de Jesus Cristo quando as pessoas sofrem. Henrique fazia o que estava ao seu alcance para ajudar os pobres e oprimidos, porque a dor une as pessoas, mas quanto ao consolo e a dor sentida por estes pobres, somente o próprio Deus poderia agir.

Ainda nesse texto, Liebich percebia - e talvez muito mais na prática - que as vítimas dos ímpios se entregavam a Deus, tendo-o como única esperança de justiça. Para as vítimas, não era hora de se preocupar com os ímpios, mas concentrar-se no que fazer e em como recomeçar tudo novamente a partir do mal que os ímpios causaram ao “necessitado” (Sl 10.9). Nesse sentido, *rasha* por 80 vezes aparece em paralelismo antitético com **רָשָׁע** (*tsedeq*), “justiça”, “e é a partir desse contraste que se tem a mais clara descrição das pessoas do tipo *rasha*”.<sup>49</sup> São pessoas violentas, opressoras, exploradoras e que armam armadilhas para apanhar o pobre a fim de atingirem seus objetivos egoístas.

Por último, Liebich deveria ter uma atenção especial pelo fato de o salmo afirmar que Deus é o protetor do órfão<sup>50</sup> - assim sendo, deve haver uma maneira especial de lhe fazer justiça. Provavelmente ele tinha conhecimento de outros textos bíblicos sobre o assunto, como por exemplo: “Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa” (Dt 10.18), ou ainda: “Pai para os órfãos

<sup>47</sup> LIVINGSTON, G. H. **רָשָׁע** In: HARRIS, R. L. et al. (Orgs). Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1458.

<sup>48</sup> LIVINGSTON, 1998, p. 1458.

<sup>49</sup> LIVINGSTON, 1998, p. 1458.

<sup>50</sup> Este termo aparece duas vezes nos salmos 10 e 41. O termo **הֵלֵכָה** (*helká*), “infeliz”, aparece apenas no contexto deste salmo.

e defensor das viúvas é Deus em sua santa habitação. Deus dá um lar aos solitários [...]” (Sl 68.5-6). A partir destes textos e de suas reflexões, Henrique Liebich e a sua família seguiam em frente, na árdua tarefa de ajudar os pobres e necessitados. Assim também se pode medir a qualidade da devoção da família pela maneira como tratavam as crianças ou órfãos. O texto citado por Liebich também pode ser considerado uma súplica pela intervenção divina. Por duas vezes o salmista implora a Deus que se levante e erga a mão em favor dos necessitados (Sl 9.19; 10.12).

Uma visita importante nos primeiros anos do Orfanato era a do Padre Afonso, pároco de Ajuricaba. Ele gostava de conversar com Liebich sobre sua fé e foi o primeiro a fazer campanhas nas missas. Ele dizia: “Vocês querem conhecer a verdadeira religião pura e sem mácula diante de Deus Pai? Vão visitar o Orfanato Henrique Liebich”,<sup>51</sup> citando Tiago 1.27. A atitude do padre fez com que caravanas com muitos paroquianos visitassem o Orfanato, levando alegria, mantimentos e brincando com as crianças e mantimentos.

Após 1964 surgiu outra divulgadora fervorosa: Maria Berta, popularmente conhecida como Tia Mimi. Era esposa do pastor Ditmar Junge e se tornou uma líder exemplar nos trabalhos da igreja e principalmente da União Feminina. Em seu trabalho de liderança, levou a União Feminina a sustentar a missionária Eli Hefpner no trabalho do Orfanato. O grupo de Mulheres Cristãs em Ação da Convenção Batista Pioneira adotava uma ou mais crianças para ajudá-las com objetos de uso pessoal, lembrando delas especialmente nos aniversários, Natal e outras datas especiais.<sup>52</sup>

Os Liebich continuavam sonhando grande. O projeto de ter uma sede própria para o Orfanato era quase impossível, mas continuavam pedindo isto a Deus, baseados na citação de Jesus: “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23). Em 1969 o Pr. Horst Borkowski<sup>53</sup> e sua esposa Bertraund vieram da Alemanha ao Brasil para visitar as igrejas alemãs. Ela conheceu o Orfanato,<sup>54</sup> relatou a situação ao Pr. Horst e ambos ficaram comovidos. O casal voltou à Alemanha e desenvolveu uma campanha para a instalação de energia elétrica no Orfanato.<sup>55</sup> A primeira oferta foi doada por um

<sup>51</sup> MOREIRA, [2011?], p. 6.

<sup>52</sup> MOREIRA, [2011?], p. 6.

<sup>53</sup> Borkowski foi soldado durante a 2ª Guerra Mundial. Um dia esteve imobilizado e perdido na neve. O soldado inimigo foi socorrido por duas viúvas, mãe e filha, que o acolheram em sua própria casa e com risco para suas vidas. Cuidaram das suas pernas congeladas até o restabelecimento. Ao voltar para casa e com o fim da guerra, o soldado resolveu dedicar sua vida a Deus ajudando pessoas necessitadas como forma de gratidão ao Senhor. JORNAL Batista, Rio de Janeiro, p. 4, 13 abr. 1980.

<sup>54</sup> Mais informações em BORKOWSKI, Horst. *Auch das ist Südamerika: Evangelist unter Kolonisten und Indianern*. Wuppertal: Oncken, 1971, p. 58-59.

<sup>55</sup> MOREIRA, [2011?], p. 6.

médico alemão, que havia perdido o seu filho num acidente. O valor do seguro pela morte do rapaz foi doado ao Lar. Esta doação fez com que muitas outras surgissem.<sup>56</sup>

No ano de 1972, Liebich descobriu que estava com câncer no intestino. Além disso, houve a frustração da safra de soja daquele ano. Ele foi internado na Santa Casa de Porto Alegre, juntamente com outros dez pacientes. Zidrone, sua filha, tentou interná-lo num apartamento, mas ele a convenceu dizendo que tudo estava nas mãos de Deus e que ele não era melhor do que seus companheiros de quarto. Ainda pediu a Zidrone que visitasse os doentes daquele hospital. Ela pediu autorização para a direção do mesmo, conseguiu um crachá de voluntária e assim pôde levar palavras de ânimo e consolo para aqueles que não tinham ninguém por eles.

Em janeiro de 1973, Liebich saiu do hospital e viajou mais de 400 km de ônibus até Ijuí; em outro ônibus foi até Monte Alvão e dali até sua residência, percorreu 7 km em pé num trator, pois não podia sentar devido à cirurgia que ainda estava aberta. Decorrido certo tempo, a cirurgia sarou, mas outras complicações acabaram surgindo.<sup>57</sup>

A atitude de Liebich é um princípio de alteridade. Ele refletia humildade e amor pelas pessoas. Ele não se considerava melhor ou superior aos outros. Soube ter compaixão tanto por crianças como por adultos. Colocou-se no lugar do outro para entender o que este sentia, para então poder ajudar. Mesmo no leito de enfermidade, por meio do sentimento de alteridade, ele soube compreender muitas pessoas necessitadas.

Em março de 1973, Liebich convocou uma assembleia para definir o futuro do Orfanato. Durante a reunião, fez agradecimentos a todos que de uma ou outra forma colaboraram para a organização e manutenção do Orfanato. Disse também que confiava em Deus quanto ao futuro, pois a obra era Dele e, portanto, iria continuar com pessoas fiéis a Ele.

Nessa ocasião foi decidido encaminhar um pedido à Junta de Serviço Social para que a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil desse continuidade ao trabalho, assumindo o Orfanato. A família Liebich se comprometia a doar um terreno e o dinheiro vindo da Alemanha<sup>58</sup> para a instalação de energia elétrica e a continuação da manutenção até que a Convenção tivesse estrutura para manter todas as

<sup>56</sup> JORNAL Batista, Rio de Janeiro, p. 4, 13 abr. 1980.

<sup>57</sup> MOREIRA, [2011?], p. 6.

<sup>58</sup> Também foram captados recursos dos Estados Unidos pelo Pr. Luck. OS PIONEIROS 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Curitiba, 2010. p. 161.

crianças.<sup>59</sup> A Convenção não possuía condições financeiras na época para manter o Orfanato. Novamente o Pr. Borkowski estava no Brasil e houve a promessa por parte dele de sustentar o Orfanato, mas com a condição de que as igrejas do Brasil se comprometessem a construir um lar para estas crianças. Entre os dias 11 e 15 de abril de 1973 aconteceu a Assembleia da Convenção. Foi decidido que esta iria aceitar o pedido de assumir o Orfanato e na mesma ocasião foi escolhida uma comissão que imediatamente iria trabalhar na escolha do local para o planejamento da construção.<sup>60</sup>

Em abril de 1973 Liebich precisou ser internado no hospital de Ajuricaba, já com o seu estado de saúde muito debilitado. Mesmo assim, conversou com os médicos e chegaram à conclusão de que ele não teria mais muito tempo de vida. Apesar da dor, Henrique não queria mais permanecer hospitalizado, pois seu desejo era morrer em casa.

Naquele dia, ao chegar em casa, pediu para conversar com cada filho, juntamente com Frieda. No dia seguinte, continuou conversando com cada um dos internos. Reuniu a família e passou orientações sobre o inventário, as finanças e os negócios. Recomendou a eles que sempre observassem os princípios bíblicos.

Naqueles dias ainda recebeu muitas visitas. Ele só tomava medicação contra dor à noite, pois durante o dia queria permanecer lúcido para poder conversar com as pessoas. Pedia para que a família lesse a Bíblia para ele e cantasse hinos do hinário. Um dia antes da sua morte, levantou-se e foi até a janela, olhou para o céu e disse: “Obrigado, Senhor, por tudo que me deste nesta vida. Que segurança, que fidelidade!”. “No dia 8 de maio de 1973, às 6.00 horas, com sessenta e um anos, tombou este herói da fé”.<sup>61</sup>

Henrique Liebich foi sepultado no dia seguinte em ato presidido pelo Pr. Renato Sales com grande acompanhamento no cemitério de Monte Alvão, no município de Ajuricaba. Neste dia chovia muito: “A própria natureza chorava pela partida deste homem, que a tantos abençoou”. Henrique e Frieda tiveram nove filhos<sup>62</sup> (quatro mulheres e cinco homens), 22 netos e 34 bisnetos. De 1954 a 1975, 98 crianças foram abrigadas em seu lar. Quanto a casa em que moravam, esta foi destruída por um

<sup>59</sup> MOREIRA, [2011?], p. 7.

<sup>60</sup> MOREIRA, [2011?], p. 7-8; OS PIONEIROS, 2010, p. 161.

<sup>61</sup> MOREIRA, [2011?], p. 8.

<sup>62</sup> Desses nove, Arnaldo faleceu prematuramente em 1980. Era casado com Dircei Porazi e tinha duas filhas: Fabiana e Sandra. Dircei casou-se novamente com Elimar Steurer. Atualmente ainda moram na localidade de Monte Alvão e são membros da Igreja Batista de Nova Ramada. O casal contribuiu em larga escala com informações para esta pesquisa.

incêndio em 25 de março de 1984.<sup>63</sup> Frieda ainda viveu 29 anos como viúva e faleceu aos 89 anos no dia 14 de outubro de 2002.<sup>64</sup> Em seu desafio na Alemanha para a captação de recursos financeiros, o Pr. Borkowski dizia que “Henrique não sabia ler e nem escrever, mas sabia ler a angústia e a dor das crianças abandonadas, sem recursos e órfãs”.<sup>65</sup>

## 5. O LEGADO DE HENRIQUE LIEBICH

A vida de Henrique Liebich e sua história de fé proporcionaram um paradigma de transformação social na área infantil. Este paradigma trouxe relevantes contribuições para a práxis social batista. A partir dos bens que possuía, construiu um Lar para crianças órfãs no sentido legítimo, mas nele também recebia crianças que a sociedade paria irresponsavelmente, ou seja, que possuíam pais biológicos.

Em seu Evangelho, João relata um milagre de multiplicação de pães e peixes (6.1-15). É o único milagre registrado pelos quatro Evangelhos (Mt 14.13-21; Mc 6.30-44 e Lc 9.10-17). Foram alimentados cinco mil homens, “mais mulheres e crianças” (Mt 14.21). A alimentação aconteceu a partir da doação do lanche de um rapaz, que equivalia a cinco pães de cevada e dois peixinhos. O pão de cevada era o pão barato dos pobres, assado em formato achatado e com aproximadamente 30 cm de diâmetro. Por isso não era cortado, mas partido. Os peixes, provavelmente em conserva, eram um complemento igualmente barato para o pão.

O menino, ou rapaz, apenas repassou para Jesus o que tinha em mãos. Passou da esfera privada para a pública e muitas pessoas foram abençoadas. O termo grego usado por João para descrever “rapaz” é *παιδαριον* (*paidarion*). Este termo pode ser traduzido por “criança pequena” ou “menino”. No texto específico de João, também pode ser traduzido por “rapaz” ou “jovem”. Liebich seguiu o exemplo deste rapaz: apenas dispôs para o público o que era privado e muitos pobres foram abençoados. Na sequência da narração joanina, Jesus é apresentado como “o pão da vida” (6.35) para que todos se alimentassem dele.

Após sua entrada triunfal em Jerusalém, durante a ceia, Jesus lava os pés dos discípulos (13.2-5). O fato de Jesus mesmo ter distribuído o pão diretamente ao povo (os sinóticos afirmam que ele distribuiu aos discípulos), se apresentando como o pão da vida e lavando os pés dos discípulos, mostra o quanto é necessário renunciar ao

<sup>63</sup> DELEGACIA de Polícia de Ajuricaba. Livro de Ocorrência nº 74/1984.

<sup>64</sup> MOREIRA, [2011?], p. 8.

<sup>65</sup> MOREIRA, [2011?], p. 8.

egocentrismo para pensar em alguém necessitado. Foram estes os passos seguidos pela família Liebich. Segundo informação de testemunhas oculares, a família Liebich e as crianças acolhidas tinham tudo em comum. Comiam na mesma mesa, a mesma comida, moravam na mesma casa e até “repartiam” a mãe Frieda. Astrogildo foi colação de Roberto Liebich.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a vida de Liebich como a de sua família permanecem como paradigma de transformação social e esperança para muitos órfãos e crianças necessitadas. Se a sociedade atual pós-moderna tivesse mais pessoas como Henrique e Frieda, não haveria necessidade de instituições de acolhimento. Este foi o legado deixado pela família Liebich. A partir da descrição acima podemos concluir o quanto a vida de Henrique era consagrada. Por meio de sua consagração ele influenciou os seus filhos, vizinhos e amigos. Também percebi como ele se dedicava à causa que amava. Deixou um exemplo de vocação a ser seguido. Antes de sua morte, chamou seus filhos e, um por um, aconselhou-os a que vivessem não apegados aos bens materiais, mas que atentassem para o futuro espiritual.

Henrique Liebich disponibilizou seus bens para as crianças abandonadas. A cultura introjetada hoje no Brasil é exatamente oposta àquela praticada pela família Liebich. Desde os tempos da colonização, a tendência é a de se passar o que pertence ao público para o privado. Numa linguagem popular, é a corrupção política.<sup>66</sup>

Em nível de Igreja Batista local, Liebich conseguiu fazer com que a igreja se envolvesse pela fé e pudesse ajudar na manutenção e pastoreio tanto da família Liebich como do orfanato. Outras igrejas batistas foram se envolvendo no projeto. Igrejas de outras denominações também participavam e se sentiam úteis em ajudar os necessitados. Era o caso do Pe. Afonso, pároco de Ajuricaba. Com o crescimento do orfanato, a Convenção também assumiu a sua parcela de responsabilidade social no cuidado dos pequenos desprotegidos.

Como contribuição para a América Latina, a obra social de Henrique Liebich provocou um despertar missionário prático na Alemanha. Em 1974, Zidrone Liebich, filha de Henrique e Frieda, foi convidada pelo Pr. Borkowski a participar

<sup>66</sup> Veja o texto completo sobre corrupção política em: SCHACH, Vanderlei Alberto. A importância do sagrado na política. In: *Religião, política, poder e cultura na América Latina* / Kathlen Luana de Oliveira; Iuri Andréas Reblin; Valério Guilherme Schaper; Eduardo Gross; Vítor Westhelle (Orgs). - São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p. 153-166. Disponível em: <[http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC\\_na\\_ALC.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC_na_ALC.pdf)>. Acesso em: 09 fev. 2013.

da Assembleia da Convenção Batista da Alemanha. Nesta ocasião foi criada a Ação Missionária para a América do Sul (MASA), da qual Borkowski foi eleito presidente. Também foi autorizada a campanha para construção do novo Lar com sede própria.

O Pr. Borkowski viu na construção do Lar a oportunidade da primeira Ação Missionária para a América do Sul. Para tal, transformou sua casa em escritório para a sua equipe de voluntários da Igreja Batista em Düsseldorf, da qual era pastor. Sua esposa, Bertraud, mobilizou a União Feminina das Igrejas Batistas da Alemanha, que se tornou cooperadora da campanha.<sup>67</sup> Enquanto isso,

na casa dos Borkowski, o telefone não parava de tocar. Eram pessoas querendo aderir à campanha. Um verdadeiro milagre: era Deus levantando um grande exército de pessoas para sustentar, não só a ação de socorro ao Orfanato Liebich, mas outros lares no Brasil, Argentina, Peru e Chile, bem como o sustento de missionários em campos missionários na América do Sul e funcionários nos lares de crianças.<sup>68</sup>

Sem sombra de dúvida, Henrique Liebich mostrou por meio da construção do Orfanato que é possível defender a causa da criança órfã ou abandonada. Muitos grupos considerados ou que se autoconsideram discriminados criaram e desenvolveram suas próprias teologias para exigir seus direitos, mesmo sendo minoria. O mesmo não acontece com as crianças. Elas, por serem dependentes, não conseguem elaborar sua própria teologia. Alguém, adulto, terá de fazer por elas, na perspectiva delas. Não basta para as crianças uma teologia que discuta a problemática do pecado original. Pelo que se percebe na Bíblia, as crianças têm o mesmo valor ou até maior do que os adultos. Digo maior porque Jesus se valeu de crianças como exemplo aos adultos para a entrada no reino de Deus.

Para finalizar, vale salientar que por muitos séculos a criança tem incomodado os maiores e mais eruditos teólogos em suas pesquisas. Porém, ela nunca esteve na posição de dar forma à teologia de maneira consistente. Henrique Liebich conseguiu colocar a criança nesta posição quando praticou um trabalho de cuidado a partir da missão integral, manteve uma hermenêutica na perspectiva da criança sob o ângulo antropológico, sociológico e pedagógico. Assim, conseguiu convencer igrejas, convenções e muitas pessoas a terem um olhar de misericórdia para com as crianças. Henrique Liebich deixou um grande legado prático à Teologia da Criança.

<sup>67</sup> MOREIRA, [2011?], p. 14.

<sup>68</sup> MOREIRA, [2011?], p. 14-15.

## REFERÊNCIAS

### Atas

LAR da Criança Henrique Liebich. Ijuí. **Ata n. 2.** Ata de Reunião do Conselho Administrativo. 1976/1983.

LAR da Criança Henrique Liebich. Ijuí. **Ata n. 6.** Ata de Reunião do Conselho Administrativo. 1976/1983.

### Livros

BORKOWSKI, Horst. **Auch das ist Südamerika:** Evangelist unter Kolonisten und Indianern. Wuppertal: Oncken, 1971.

BRUM, Cristina Eliane. **Coluna Prestes:** o avesso da lenda. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p. 7.

COLLIER, John. Proposta teológica do Movimento Teologia da Criança. In: FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; PEREIRA, Welinton (Org.). **Uma criança os guiará:** por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 257-259.

HAMILTON, P. Victor. **שָׁחָה** In: HARRIS, R. L. et al. (Orgs). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1556-1557.

LIVINGSTON, G.H. **רָשַׁע** In: HARRIS, R. L. et al. (Orgs). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1458.

MOREIRA, Zidrone Liebich. **Liebich:** uma lição de fé, amor e esperança. [S.l.:s.n.], [2011?].

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas:** a entrega de um filho em adoção. São Paulo: Cortez, 2001.



NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Leya, 2011.

*OS PIONEIROS 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil*. Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil: Curitiba, 2010. 288 p.

SCHACH, Vanderlei Alberto. A importância do sagrado na política. In: **Religião, política, poder e cultura na América Latina** / Kathlen Luana de Oliveira; Iuri Andréas Reblin; Valério Guilherme Schaper; Eduardo Gross; Vítor Westhelle (Orgs). - São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p. 153-166. Disponível em: <[http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC\\_na\\_ALC.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/LV-RPPC_na_ALC.pdf)>. Acesso em: 09 fev. 2013.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyi. **Laços de ternura: pesquisas e histórias de adoção**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2000. 231 p.

WONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. **Samariter der Menschheit: Christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart**. Tradução de Rodolfo Gaede Neto. München: Claudius-Verlag, 1977.

## Jornais

ACONTECIMENTOS revolucionários. *Correio Serrano*, Villa Ijuhy, 7 jan. 1925.

ACONTECIMENTOS revolucionários. *Correio Serrano*, Villa Ijuhy, 14 jan. 1925.

DER MISSIONSBOTE, [S.l.:s.n.], Jahrgang 50, Nr. 4, p. 12, April 1976.

IJUÍ terá “Lar da Criança Henrique Liebich”. *Jornal da Manhã*, Ijuí, 18 out. 1975, Caderno especial.

JORNAL Batista, Rio de Janeiro, p. 4, 13 abr. 1980.

JORNAL *Correio Serrano*, Ijuí, p. 5, 14 fev. 1962.

O BATISTA Pioneiro, Ijuí, p. 12, out. 1995.

## Internet

ALGODÃO doce, pipoca e Coluna Prestes. In: **Catolicismo**: revista de cultura e atualidades. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=B5343852-CC49-1333-56D8939AE09E8DC4&mes=Agosto1999>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

APRESENTAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ijui.rs.gov.br/noticia/index/16329>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

FENADI. Disponível em: <<http://www.expoijuiifenadi.com.br/publicacao-293-fenadi.fire>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

IJUÍ. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Iju%C3%AD>>. Acesso em: 25 dez. 2012.

NOVA RAMADA. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Ramada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Ramada)>. Acesso em: 24 de jan. 2013.

SEGUNDO estatísticas do IBGE, em 1950 a expectativa de vida era de 52,82 anos. Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP210&sv=36&t=esperanca-vida-nascer>>. Acesso em: 08 de fev. 2013.

SINOPSE dos resultados do censo de 2010. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=43&cod2=430020&cod3=43&frm=urb\\_rur](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=43&cod2=430020&cod3=43&frm=urb_rur)>. Acesso em: 19 jan. 2013.